

E DIGA LA AOS PORTUGUESES QUE EU AINDA NÃO ME ESQUECI DE QUE NASCI EM PORTUGAL!

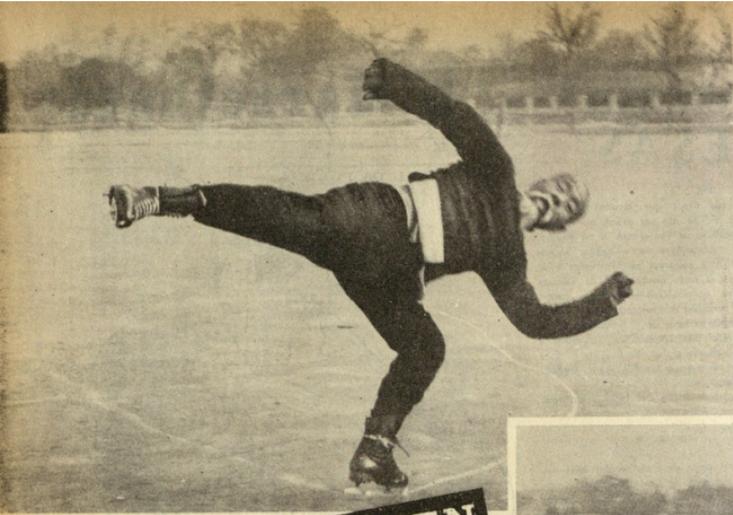
DISSE CARMEN MIRANDA À JORNALISTA PORTUGUESA FERNANDA REIS
(VER PÁGS. 12 E 13 A SENSACIONAL REPORTAGEM "UMA JORNALISTA PORTUGUESA QUE ANDOU
DOIS ANOS PELO MUNDO")



VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

ANO V - N.º 255
11 DE ABRIL DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00



ESTE respeitável chinês de 66 anos, é um grande entusiasta da patinagem sobre o gelo, e aqui o vemos executando os mais elegantes números de fantasia, sobre o lago gelado da cidade de Peping. Desde 16 anos que se tornou célebre pelos seus números de patinagem, chegando, mesmo nessa idade, a fazer uma exibição para a imperatriz da China.

WU-TANG-SHEN
REI
DA PATINAGEM
CHINÊS!





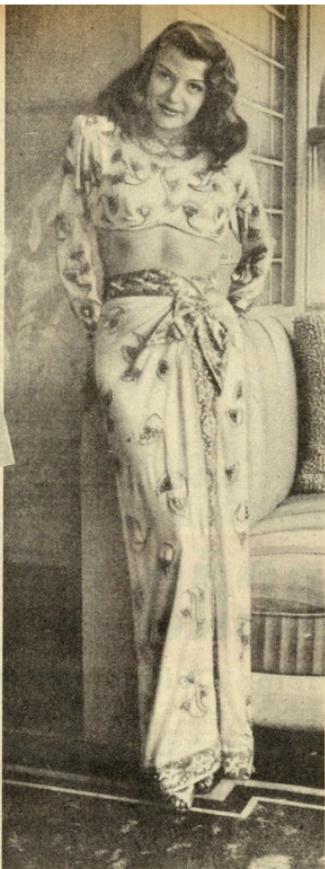
Este «enagigete» de sonho, feito com 23 metros de fazendo, custou apenas 300 dólares. Apenas!

OS MAGNATES DE HOLLYWOOD GASTAM UMA PEQUENA FORTUNA PARA VESTIR A ESCULTURAL RITA HAYWORTH PARA O SEU ÚLTIMO FILME

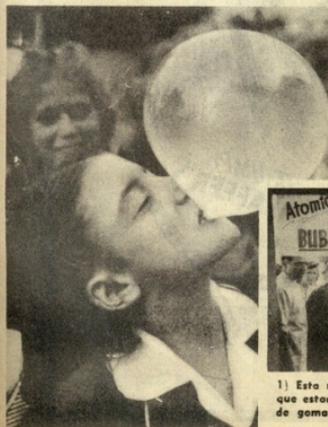
As últimas notícias da capital do cinema informam-nos que os magnates da Columbia Pictures acabam de dispendir a soma de 60 mil dólares no novo guarda-roupa que a bela e encantadora Rita Hayworth irá apresentar no seu último e mais recente filme colorido, «Gilda».

As despesas dividem-se como se segue: 35 mil dólares num casaco de peles de eschnehillax; 10.000 dólares numa capa de urminho; e mais 10 vestidos, 3 «enagigetes», um fato de máscaras e um par de pijamas. Tudo isto perfaz um total de 50.416.30 dólares. O dólar e 30 céntimos que faltava foi gasto num par de metas...

É o que se chama uma rapariga de sorte!...



1) 1.800 dólares (uma bagatela!) foi o preço deste vestido de «soirées»! 2) 750 dólares custou este lindíssimo vestido de «soirées» branco, que tão bem realça as belas formas esculturais de Rita Hayworth. Lembre-se quando ela era apenas a Rita Casuino, bailarina sul-americana!



NA ***** AMÉRICA

VOLTAM A VENDER-SE BALÕES DE GOMA

COM grande gáudio da rapaziada, voltaram a vender-se nos Estados Unidos os balões de goma, uma variação da pastilha elástica, que tinham desaparecido com a guerra, salvo para os meninos ricos cujos papais tinham dinheiro para as comprar no mercado negro... Aqui damos alguns instantâneos da alegria da rapaziada, que fez verdadeiros assaltos às «string-stores» que anunciaram de novo o produto.



1) Esta menina tanto assoprou no seu balão que o resultado viu-se! — 2) A clientela é muito... e a polícia tem que estacionar à porta da loja. Na mantra lê-se: «A bamba atômica passou para segundo plano. Nós temos balões de goma!» — 3) Estes três organizaram um concurso. 4) É preciso mastigar muito a pastilha para que ela tenha a elasticidade necessária para se poder assoprar o balão.



Original de Victor Colação

— Por que não me caso? És tu quem o pergunta?

A velha mãe estava prostrada na sua cadeira, muda de dor e remorso, e a filha erguia-se, direita e terrível, em face da pobre coisa que ela era. Tinha chegado o momento inevitável da amarga acusação.

Quando fora nova, grácil, feminina — e isto era o passado — lhinha tido um grande amor, um desejo forte de felicidade e de vida. A seiva jovem do seu sangue percorria toda, impetuosa e quente, e ela aspirava, delirantemente, o perfume da própria mocidade e quis ser feliz. Mas a mãe, que ali estava, agora, na sua frente, ressequida de velhice, quase sem rosto, a quem a maternidade acontecera sem anseio nem prazer, aquela mãe frívola e caprichosa como uma criança mimada, erguera uma oposição irredutível em face do seu sonho. Mas por vaidade que por amor, a pobre fútil validada das aparências mundanas, a sua ambição sem alma fez cálculos, entreteceu projectos, dispôs arbitrariamente do destino da filha e encanouse na antievidência desvanecida dum futuro grandioso.

Dentro da sua maneira precária e optimista de encarar a vida, não havia obstáculos que pudessem contrariar o seu vivo e arruado desejo. Todo material, todo voltado para o lair dos exteriores, o seu projecto desconhecia sentimentos. Certamente que o amor, bonito e necessário num caso, não romaneava, daquelas que ela lia, com a fixidez aplicada dos seus olhos de miopia, era coisa que se lhe atreva, não se lhe afigurava, não se lhe afigurava quando se tratava da realidade, ainda que essa realidade fosse o destino da própria filha.

No seu fóro íntimo, o significado de certas palavras era muito pessoal. Felicidade, por exemplo, queria dizer posição — social e económica — e quando a sua vida tivesse atingido esses dois alvos, o seu coração de mãe encher-se-ia duma absoluta, inornata e orgulhosa certeza: a minha filha é feliz.

Mas... Porque é que os nossos desejos — por si só — não têm moldar o destino? Que fatalidade é essa que nós sonhamos e por que atrás de nós mesmos pagamos a vida, este juro exagerado de desgostos, de sofrimentos, de angústias?

— Foi bem: o ambiente da família emborrou-se, certo dia, com uma rapidez inesperada. Dentro daquela calma e relativa harmonia, conse-

guida, até aí, à custa de pequenas renúncias e frequentes terribilidades, criou-se, de súbito, uma atmosfera explosiva e tenaz. As palavras perderam o tom suave de inocente despreocupação e carregaram-se de entonações intencionais. Mãe e filha estavam-se. Por entre a cortina das pálpebras, furtivamente, espreitavam-se uma à outra, avaliando-se os aspectos e, no fúlguro brilho das suas pupilas, percebiam-se uma anímosa preocupação. Comportavam-se, por assim dizer, com duas desconhecidas, mas o espaço que mediava entre elas estava carregado de expectativa.

Luzia, então, de regresso a casa. O caminho era feito no comboio e a suave trepidação da carruagem, muito monótona, embalou, por algum tempo, o embaraçoso silêncio que vibrava entre as duas. Mas, finalmente, aquela pergunta que a mãe não podia calar, que ela sentia, na boca, como coisa física e incômoda, sou de repente:

— Luzia — e a sua voz pareceu calma e bondosa — quem era aquele rapaz?

— É um colega.

A resposta era demasiado súbita e, sobretudo, tão dita pausadamente remate. Motivou, pois, outra pergunta:

— Mas... — arrastou-se numa hesitação, um recelo — ...isso é namoro?

— É. Lógico, preciso, este é até casto com violência e vibrou com o primeiro estampido dum combate. Já não havia entre elas, a possibilidade dum equívoco. Com a situação esclarecida, o pensamento e as emoções de ambas, de maneiras diferentes, ajeitavam em torno do mesmo fato. E veio, depois, a primeira censura: — Não achas que me devias ter dito?

E, desde então, a vida entre ambas, nas suas relações mansas, foi totalmente diferente.

Dentro do seu projecto, a mãe nunca pensara em semelhante contrariedade, confiante e ingénua mas, agora, em face dela, avaliava quanto havia de voluntarismo, no carácter da filha e não se atreveu, prudentemente, a contrariar-lhe o pendor. Permiu. Ao mesmo tempo, porém, iniciou uma campanha de persuasão. De forma saturante e premeditada mente pessimista, começou a exhibir, nas suas conversas, todos os fantasmas da vida, fazendo predilecção da fome e da miséria. Estes grandes

espectros, surtidos de exemplos e apontados em profecias, com o seu índice de mau agúrio, assistiam às refeições e a todos os momentos do convívio de ambas. E, depois, vinham as graças e os apodos, a tentativa para envolver tudo em ridículo. Havia réplicas azedadas, o desespero e a cólera embelam as palavras, e a mãe, caída em transe de vítima, vertia lágrimas perante a filha, que apontava como culpada.

— Parece impossível! Fazem-me chorar por causa dum estranho.

E estas situações sucediam-se, multiplicavam-se. Um surdo e pesado rançar que a Luzia, no seu amor de filha, não queria admitir, la-se insinuando sobrefocadamente entre as duas. E, dentro deste ambiente, sem a própria dar conta disso, o outro amor da rapariga sufocava — porque, apesar de tudo, apesar, mesmo, da sua revolta, ela amava muito a mãe e sofria, profundamente, com esta situação que as separava, alargando, entre ambas, um abismo cada vez mais difícil de transpor. Todas as tentativas que ela fazia para harmonizar as coisas, contemporizando-aquelas pedindo, não resultavam inúteis ou prejudiciais. Agora, já não eram só as lágrimas da mãe — era a doença, recolhida à cama, e as suas pupilas, sombrias e fixas, acusavam a filha como, no supremo lampejo, os olhos do moribundo acusam o assassino.

E isto foi durando. O projecto matrimonial, que a mãe sonhara, não pôde, e certo, seduzir a interessada, mas, no coração desta, alguma coisa se estava preparando, dia a dia. Surpreendida em si, como nunca, recolhida à cama, e as suas pupilas, sombrias e fixas, acusavam a filha como, no supremo lampejo, os olhos do moribundo acusam o assassino.

— E isto foi durando. O projecto matrimonial, que a mãe sonhara, não pôde, e certo, seduzir a interessada, mas, no coração desta, alguma coisa se estava preparando, dia a dia. Surpreendida em si, como nunca, recolhida à cama, e as suas pupilas, sombrias e fixas, acusavam a filha como, no supremo lampejo, os olhos do moribundo acusam o assassino.

alma. Se a mãe pudesse concordar com ela — e compreendê-la, se a amparasse com o seu carinho, a mutação far-se-ia duma maneira suave, simples e sem dar por isso, ela passaria dum reino para outro. Seria mulher pelo mesmo caminho da distância, nem, sobretudo, aquela deformação afectiva, aquele surdo rançar pela mãe — real, crescente, assustador! — que ela própria classificava de monstruoso. E, por cima do seu entusiasmo e da sua luta, começou a pesar, como uma neve acumulada lentamente, um confuso e amargo sentimento de renúncia. Como num propósito de auto-augestão, martelando a vontade, pôs-se a repetir, para si: — Isto não pode ser, isto não pode ser... A mãe falava, punha em frases duras o seu desejo de acabar com aquilo, cada vez mais afilto e mais desesperado, porque a oitava já falava em casamento, e a sugestão dela, pouco a pouco, ia-lhe ensoapando o espírito: — «Não pode ser, não pode ser... Era como uma música constante, sugestiva, que fosse subindo de tom e convencendo-a da ideia do seu estribilho: — «Não pode ser...»

E a sugestão venceu-a, conquistou palma a palma a sua alma, amolecendo a resistência do seu amor, e o que era recoso e confuso, na sua vontade incerta, fez-se nítido, decidido, inexorável! Estava bem. Acabaria com tudo. Só pedia uma coisa: que nunca mais a mãe lhe falasse nos seus projectos. Que a deixasse em paz.

E assim foi. Luzia, sobre isto, dez anos de silêncio amargo. Tacticamente, o assunto «casamento» tinha sido proibido nas conversas da família. Os irmãos da Luzia estavam ambos casados e a mãe envelhecera muito — e a envenenar, secretamente, o seu desgosto de ser filha, havia outro desgosto: a filha. Tinha, agora, trinta e dois anos e continuava solteira. E, depois, havia aquela proibição, não prescrita, mas que nem por

(Continua na página 14)



PAGINA LITERARIA para o povo Salento

LITERATURA JUVENIL

«RUMOS», antologia de contos e poemas

O empenho de realizar obra literária na sociedade que mal começa a viver, resulta quase sempre de um complexo estranho em que se mistura muito de medo e alguma coisa de bom. Devem excluir-se, evidentemente, os gênios procos que trazem dentro de si as virtualidades de uma grande obra, e são naturalmente solicitados pela sua presença em experimentos. Para o imensa generalidade, porém, o estímulo de escrever e publicar muito cedo vem de mais variados e confusos motivos de que os próprios jovens não chegam a tomar consciência: o espírito imitativo que, logo aos primeiros encantamentos sérios da literatura, às primeiras revelações da náutica arte, sente o desejo de traduzir em fórmulas inéditas e que esse contencioso e relações lhes geram nos consciências desprezadas; a vontade de figurar em público com testemunhos de personalidade que pensa e sente e por isso pretende impor-se comunicando; um sentido de gruparismo que sempre resulta do convívio literário e leva os mais novos a querer entrar depressa nesse mundo coberto das letras onde a experiência vem a traduzir-se tantas vezes em destituições extremas e, sobretudo, a pressa; a incógnita pressa de dizer alguma coisa, num mundo que não oferece à juventude senão soluções e interesses satisfatórios para os mediocres e que os melhores sentem, portanto, a necessidade de transcender de algum modo.

É claro que, em si mesmas, as crônicas literárias da adolescência nunca significam grande coisa. Pode até dela o melhor e o pior, e não vale a pena pretender indovinar o que se lhes seguirá. Um mínimo de vocação, de habilidade ou de assento da leitura pode tornar fácil a composição das primeiras realizações literárias. Mas o que importa é, justamente, esse facto de sentirem adoloscência a necessidade de se exprimirem socialmente por essa forma, desentendo-se de um mundo natural em que não se sentem bem para um mundo artificial que lhes aparece durado pelo reflexos da fantasia. E, com isso, tudo mais que as suas criações fráguas revelam sobre a índole e modo de ser de cada um, sobre a sua atitude perante o mundo em que se encontram e onde não vive — o que pode não ter valor literário mas pode ter, talvez, grande valor humano.

tranquilo, estes poemas não trazem grande cunho de originalidade mas lêem-se com prazer.

* Emília de Sousa Costa reuniu num pequeno volume que a Livraria Figueirinhas editou, algumas crônicas breves a que deu o título «Lendas de Portugal».

* Crônicas, também, com maior ou menor originalidade, constituem o novo livro de Maria Henriques Oswald, do Rio de Janeiro. Parte do volume é preenchida com citações numerosas de grandes pensadores e artistas que fixaram em legendas definitivas alguns momentos capitais do espírito humano.

Um grupo de jovens que não chegou ainda aos vinte anos associou-se para publicar em livrinho modesto os seus testemunhos literários, correndo os riscos da apresentação (vence ante o público e a crítica e sujeitando-se a uma prova que pode ter consequências mais importantes do que os riscos inconvenientes. Chamando-lhe «Rumos», pretenderam, decerto, aludir ao desejo de procurar um caminho sem a ambição de o constatar já encontrado e definido, mas este mesmo facto de viverem apresentando não cede o que foram capazes de criar até agora, ou prende a uma responsabilidade para o melhor e para o pior que alguns dos colaboradores do livrinho talvez não venham a aprovar mais tarde.

O que interessa na obra aos que a lerem com curiosidade séria é mais o que revela da índole desta geração novíssima que vem para a vida em época tão inquiete e contraditória do que os possíveis valores literários afirmados. A impressão geral com que se lê é de desapontamento. O livro é, naturalmente, de grande banalidade nos temas e nas formas. Aos dezoito anos não se pode ter alcançado ainda o grau de experiência e o enriquecimento interior que permitem a criação de obra literária com sentido intrínseco; e nesta juventude que desponta para dizer e fazer alguma coisa no terreno cada vez mais vasto e que nasceu, o que mais impressiona ainda é a falta de vibração de nervos e de «fôrça» de imaginação mesmo tumultuosa e imperfeita, de rumo certo apontado a uma desastrosidade literária. Não se reconhece no livro destes rapazes ingenuidade dotados, e vigoroso impulso de uma sociedade ascendente que venha disposta a trabalhar com rudeza, entusiasmo e alegria em um mundo novo e mais audaz. Não manifestam, sequer, grande sentido do dramático, apesar de ser mais natural na idade em que a fantasia descobre mais largas situações; nem grande ambição de originalidade, embora se a adoloscência a época em que a miragem tantas vezes ilusória do «novo» justifica o desejo de novidade e até o absurdo. Em suma: esta nova geração, pelo menos no sector que este livro representa, não estranha talvez cometa, bem composta, talvez mesmo frágida e um pouco solomonita. Prova a realidade num país onde mal se fazem sentir as grandes forças que vão renovar os destinos da humanidade sob todas as formas.

Nos contos e poemas de «Rumos», com passagens muito atenuadas, excepções, depara-se um sentimento geral de decepção, de «pouca graça» na vida, de vazio ambiente em que mal se pesquisam os sentidos fortes da existência: o amor, a aventura, a afirmação de inteligência e de carácter. Um dos colaboradores escreve em certa altura: «Sêntia a vida a meu lado, qualquer coisa de bom que apetecia gozar»; e mais adiante em «Edificação da realidade», mas não se sabe para onde nem para quê, através da ficção em que estas palavras se encontram, através de todo o livro em que os capítulos não se exprimem na mesma forma. Todavia, a obra, embora falem expressamente, ou deixam pressentir a existência de um muro que não conseguem atravessar, contra o qual se consomem e debatem, que lhes resiste e os afimilam, como se insistissem no processo de uma saída e a consciência nem sequer lhes revele o que pode existir para além da vida. E os adoloscência, de facto, não parecem estar na vida nem esperar muito dela. Não por pessimismo, que pode ainda ser uma força, mas por vazio do mundo em que se encontram sem culpa nenhuma.

Abre o voluminho com poemas de Ana Maria Cavero, em que há certa leveza e claridade de ritmo e a vontade de aliviar — não a adivinhação apalpa significativas e mistérios da vida. No poema «Abandono» chega a pressentir-se uma intensidade lírica, um calor íntimo que a limpidez da forma embocra mas não chega a representar-se expressamente.

O conto de Carlos Garcia é frouxo e descarnado. Não é com um drama, forte na realidade, que a todos os instantes encontramos, mas comum na expressão literária, que pode ter alguma significação. Pelo mérito do versosilmas, mais é poético.

Nos versos de David Mourão Pereira há segurança formal que pode considerar-se notável na sua pouca idade; mas falta-lhe a densidade intelectual que valoriza literariamente a iniquetação e lhe dá o sentido humano, sem esse aspecto de suspensão de tempo significativas, que a todo momento se descobre no jovem poeta. Possui, no entanto, o dom sereno da expressão poética, um estilo gracioso e ágil; e se há nos seus versos muito de banal é, talvez, ainda pela facilidade de composição que deve evitar para que a poesia venha a representar alguma coisa de mais denso e humano.

A leveza dos contos de João Belchior Viegas, a sua naturalidade e a facilidade com que os consegue criar obra mais interessante quando a vida lhe tiver ensinado o valor da mais simples das coisas, a propriedade da ironia em certos casos e a sua impropriedade noutros, o significado dos movimentos das almas que não se imobilizam nos planos de aparência imóvel da adolescência. Tem qualidades invejáveis e a sua atitude de espectador de si mesmo e dos outros, representada nestes contos ainda superficiais, é das mais características no conjunto.

(Continua na página 14)

FAÇA DE PAPEL

* Enes Ramos publicou o livro de poemas «Diásporas», obra de lirismo simples — sincero, sem inquietudes nem «sufetões», onde se apontam nos mais ligeiros versos as notas que sempre comoveram as almas sem complexidades: pequenos aspectos de paisagens, o amor, a noite, o mar. De ritmo agradável e



Atualidade de Walt Whitman

EM Novembro de 1940, quando as mais terríveis ameaças se levantavam contra a liberdade dos povos, foi inaugurada no State Park, próximo de Nova York, uma exposição de poemas de Walt Whitman. No grande poeta norte-americano Walt Whitman. Com três metros de altura, no topo de um rochedo do Bear Mountain, a figura ao mesmo tempo patriótica e viril e burguesa do poeta, a sua estatura e o seu relembrar ao povo americano o caminho da liberdade que os seus antepassados conquistaram à selva e aos homens. Erguida em momento tão decisivo da história da humanidade, a figura do poeta, a sua estatura, Jo Davidson, tem na sua singeleza natural o valor de um grande símbolo. É o homem valente e simples que adorava viver entre o povo de lenhadores e marinheiros, o igualitário que pregou a mensagem antiga de uma humanidade sem diferenças, o combatente generoso da guerra anti-esclavagista, o profeta do mundo progressivo que viria a erguer-se das ruínas e dos sofrimentos causados pela luta contra os despotismos e as explorações.

A estatura ficou, como Whitman gostava de viver, entre arvoredo e ribeiros, numa natureza em que se imbuía, que se imbuía na vegetação e da escravização e da miséria do homem; e quando o que há de mais puro e mais sã na sociedade norte-americana proclama — como o fazem os melhores escritores dos Estados Unidos — a grande importância da justiça e da liberdade são ainda os versos do poeta que repercutem entre o povo que tanto amou:

«Hei-de plantar a íntima camaradagem com árvores ao longo de todos os rios da América e ao longo das praias. Hei-de construir cidades inseparáveis alargando-se pelo amor dos camaradas pelo amor varonil dos camaradas».



Banquete a Manuel Gouveia. Na presidência, o almirante Gago Coutinho



A primeira direcção eleita para 1946 do Grupo Onomástico «Fernandos de Portugal» é composta pelos srs. Fernando Almira Vale, Fernando José Abreu Parigão, Fernando José de Mattos, Fernando Lourenço, Fernando Marques de Sousa, Fernando de Oliveira e Fernando Cândido.

MONTEGIL
 Água de Colónia
 Parque Florido
 Pó de Arroz e Rouge
 Três productos indispensáveis à
 distinção da mulher

Montegil ★

**ESTÁ EM LISBOA
 O NOTÁVEL ACTOR**

**Juan
 Espantaleón**

que foi contra-
 tado para partici-
 par no desem-
 penho do filme
 português
 "A mantilha
 de Beatriz"



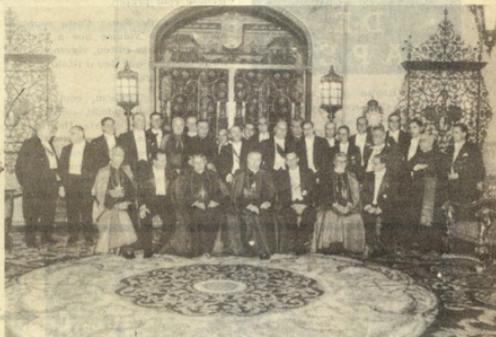
O actor Juan Espantaleón (à direita), com o realizador Eduardo Maroto e o artista António Vilar

ENCONTRA-SE em Lisboa, vindo de Madrid, o artista Juan Espantaleón, considerado um dos melhores actores característicos do país vizinho, e muito conhecido das nossas platéias pela sua notável actuação no magnífico filme, dirigido por Rafael Gil, com o título «O Drama de um Juiz», que se estreou na época passada no Comed.

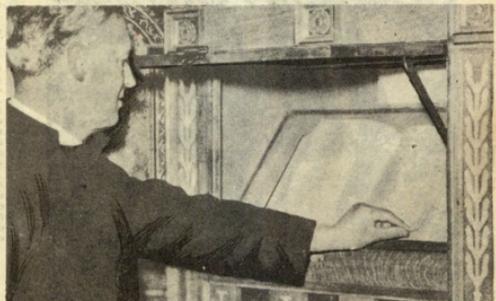
O distinto artista, que últimamente se tem afirmado como um dos elementos mais dignos de admiração do cinema espanhol, concluiu, há pouco, sob a direcção do realizador Juan Orduña, a película «Missão Branca», à qual a crítica leceu os mais raijados elogios.

Espirito culto e disfrutando de grande prestígio, cimentado por qualidades amplamente reveladas em criações que lhe valeram a consagração nas telas do país vizinho, Juan Espantaleón — segundo confessou ao nosso redactor — sente-se radiante pela oportunidade que se lhe ofereceu de participar no desempenho do filme «A mantilha de Beatriz», segundo o romance de Pinheiro Chagas, cuja felleira começará em breve nos estúdios da Lisboa-Filme, sob a direcção do realizador Eduardo Maroto.

Dentro de poucos dias aguarda-se a chegada da artista espanhola Maria Isbert, que foi contratada para desempenhar um papel de relevo na mesma película.



Assistência ao banquete oferecido, no Avis Hotel, ao sr. Cordeal Gouveia



Neste livro, que está na Capela de S. Jorge, em Londres, figuram os nomes de seiscentas mil pessoas mortas pelos bombardeamentos alemães!

ÚLTIMOS INSTANTES DA "HOME FLEET" EM LISBOA



1) Lenços que acenam, no cais, em despedida aos heroicos marinheiros de Inglaterra. 2) O «Nelson» começa a afastar-se. 3) Na «gare» marítima juntou-se muito povo, que assiste à partida e acena aos marinheiros, que correspondem. 4) A esquadra afasta-se, a caminho de Inglaterra.

UMA JUSTA HOMENAGEM

Mr. Harry Hinks, administrador geral da Companhia dos Telefones, exerce esse cargo há seis anos, e está, há vinte, no nosso país, tendo sido gerente dos escritórios da Companhia, no Porto, durante muitos anos.

O Governo Português, condecorando com o Grande Oficialato da Ordem de Mérito Industrial, e o pessoal superior da Companhia ofereceu-lhe as respectivas Insignias, numa sincera manifestação de apreço às suas excepcionais qualidades.

Mr. Harry Hinks, grande amigo de Portugal, vê, assim, que aos portugueses não passam despercebidos os que, como ele, sabem viver no nosso país com aquele apuro e elegância moral que são timbre dum verdadeiro «gentleman».

A partida da Delegação portuguesa à Conferência de Alimentação



Antes da partida, o sr. Ministro da Economia com sua família



A partida da delegação composta pelos srs. Ministro da Economia, Sub-Secretário de Estado do Comércio, tenente-coronel Tomás Fernandes e Dr. Pedro Reis.



O ilustre actor Alves da Cunha ouvindo ler a mensagem em que os seus alunos lhe pediram para não abandonar a cadeira que rega na Escola de Arte do Representar.



As Irmãs Meireles — Cidália, Rosário e Milite — três simpáticas raparigas que a nossa Rádio popularizou, realizam, amanhã, o seu recital no Teatro da Trindade, com o colaboração da Orquestra Ligeira da Emissora Nacional, que o maestro Tavares Belo está distinguido com invulgar proficiência.

A COMIDA
PASSOU
A SER
APETECIDA!



Desapareceram
às minhas dores
de estômago

Pode comer o que lhe apetecer sem receio de perturbações digestivas, desde que tome Magnésia Bisurada. Uma colher de chá de pó ou 2 a 4 comprimidos de Magnésia Bisurada libertam o estômago do excesso de acidez, frequentemente causa de eructações, sensação do fogo, flatulência e outros incômodos de ordem gástrica.

DIGESTÃO ASSEGURADA
COM
**MAGNÉSIA
BISURADA**

A venda em latas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.



11. A JORNALISTA E JOAN FONTANÉ F. A CHEGADA A BRANCA — ONDE ASSISTIU A DOIS HORAS DE BEM-ESTARAMENTO DOS SUPLENIDOS — FERNANDA SEU COSTE ENTRA A AVIAÇÃO QUE TRAPILLOU O AVIAO E UM PADRE DO BEM-ESTARAMENTO DOS SUPLENIDOS.

UMA JORNALISTA PORTUGUESA QUE ANDOU DOIS ANOS PELO MUNDO FERNANDA REIS FALA-NOS DA SUA VIAGEM E DOS SEUS PROJECTOS

A Conferência de S. Francisco, Hollywood, Diplomatas, Conferências, Okinawa

Tudo começou há dois anos, quando a jornalista portuguesa Fernandinha Reis, então com 22 anos, decidiu fazer uma viagem pelo mundo. A sua viagem começou em Lisboa, onde ela se despediu dos pais e partiu para o Brasil. Durante a viagem, ela visitou vários países, incluindo o Brasil, o México, a América do Sul e a Europa. Ela também trabalhou como jornalista em vários países, incluindo o Brasil, o México e a América do Sul. A sua viagem foi muito interessante e ela aprendeu muito sobre o mundo e sobre si mesma. Ela também fez muitas amizades e aprendeu a lidar com situações difíceis. A sua viagem foi uma experiência muito valiosa e ela recomenda a todos que tenham a oportunidade de fazer uma viagem pelo mundo.

Fernanda Reis, jornalista portuguesa, em uma conferência em S. Francisco, Califórnia, em 1945. Ela está ao lado de um homem em um terno escuro. Ela está segurando um livro ou documento. Ela está sorrindo e parece estar em uma conversa agradável. O homem também está sorrindo e parece estar interessado no que ela está dizendo. Eles estão em um ambiente formal, provavelmente uma conferência ou reunião. Há outras pessoas visíveis no fundo, mas elas estão desfocadas. A iluminação é suave e o ambiente parece ser um espaço de trabalho ou de reunião.



12. Fernandinha Reis, jornalista portuguesa, em uma conferência em S. Francisco, Califórnia, em 1945.

João Fontané, com um olhar sério, conta a Fernandinha Reis alguns detalhes da sua vida de guerra.



Uma conversa com o Sr. João Fontané, antigo chefe da Esquadra de Inteligência do Brasil e presidente do Conselho Brasileiro para a Conferência de S. Francisco.



Outro político que conheceu uma jornalista estrangeira a Fernandinha Reis — Eugênio Páez, chanceler do México.

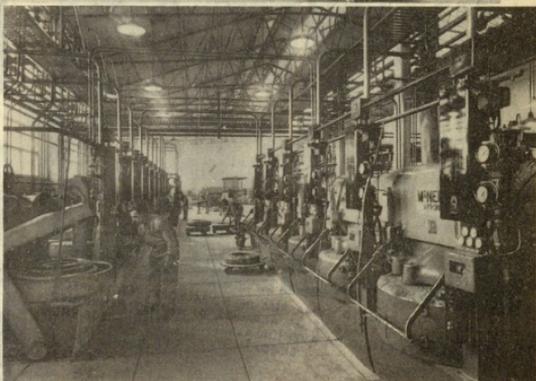
Continuar na página 14.



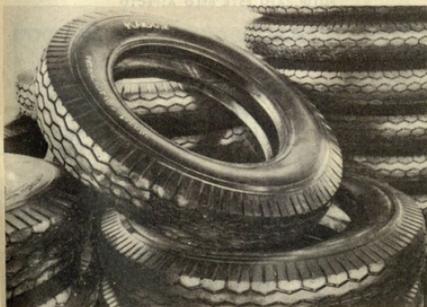
VISTA GERAL DAS SECÇÕES DE COMPOSIÇÃO, MOINHOS E CALANDRA

Com a inauguração da Fábrica de Pneus "MABOR" nasceu em Portugal uma nova indústria!

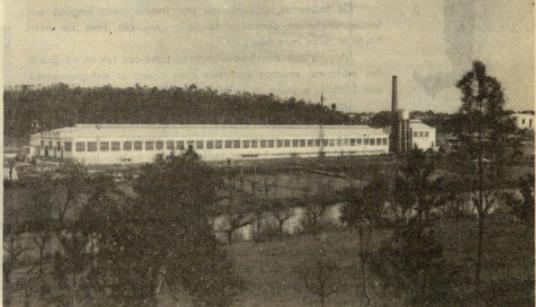
Em Louzado, no Minho, foi no último sábado inaugurada a fábrica da Manufatura Nacional de Borracha, com que se dá início à produção dos pneus "Mabor" — os primeiros pneus que se fabricam em Portugal. Fábrica moderníssima, apetrechada segundo os mais perfectos imperativos da técnica, constitui um empreendimento industrial de mais alta importância, que vai constituir uma das bases da nossa independência económica e do nosso progresso. Por isso o acto solene da sua inauguração foi seguido com grande interesse pelo país. Assim, desde o Governo, a figura mais representativa da nossa classe, o alto comércio e grande indústria até aos mais humildes operários, ninguém deixou, com a sua presença nessa inauguração, de render a justíssima homenagem da maior admiração aos empreendedores dessa grande obra nacional — uma obra de portugueses que com inteligência, capacidade de trabalho e elevado patriotismo souberam honrar Portugal.



SECÇÃO DE VULCANIZAÇÃO — PENSAS



PNEUS DE CAMIÃO, PRONTOS A ROLAR



ESTE É O MAGNIFICO EDIFÍCIO DA FÁBRICA



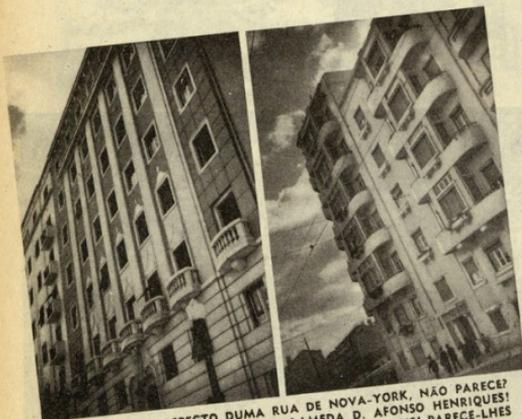
ISTO É LISBOA!

REPORTAGEM GRÁFICA
DE ARMANDO SERÔJO

BONITO, NÃO É? POIS É LISBOA!



NAO É NO ESTRANGEIRO: — É S. SEBASTIAO DA PEDREIRA!



- 1) PARECE UM ASPECTO DUMA RUA DE NOVA-YORK, NÃO PARECE? POIS É LISBOA, E TRATA-SE DA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES!
- 2) VEJAM ESTE PRÉDIO DA AVENIDA ALMIRANTE REIS! PARECE-LHES LISBOA?



PERTO DO PARQUE EDUARDO VII COLHEU O NOSSO FOTÓGRAFO ESTE BELO ASPECTO

L

ISBOA velhinha, das vielas tortuosas e das escadinhas inverosímeis, Lisboa triste do fado e dos bairros pobres, também tem os seus aspectos de grande cidade, os seus ares de capital europeia!

Os lisboetas, pessimistas por índole, mós-línguas por feito, preferem simbolizá-la pelo que ela tem de mais triste e mais humilde...

Mas, a par dos bairros pobres também temos os grandes edifícios, prédios enormes com a seu ar estrangeirado, que Lisboa, a pura, a velhinha — não é assim...

Damos, nesta página, alguns aspectos da Lisboa moderna, da vida de rica, das Avenidas Novas onde as dificuldades da vida não geram maror — talvez por as rendas serem tão elevadas...

E por elas é fácil verificar que Lisboa, afinal, não é tão má como a pintam — apesar de, às vezes, a pintarem tão mal...

Lisboa bonita, menina prendada que ainda se entretém com bordados e ouve, nas telefonias, as últimas canções, não mora nas Avenidas Novas nem nos bairros humildes, que não deixam por isso de ser bem alfacinhas... Mora noutros bairros, onde a modesta aseada assentou arriais e está tão longe dos bairros onde a miséria habita, como dos prédios luxuosos que ilustram esta página, e oxalá sejam uma pequena amostra da Lisboa do futuro, índice certo de que todos estaremos ricos e poderemos pagar as astronómicas rendas dos «monstros» de cimento citadinos...

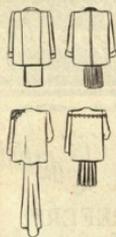


OUTRO ASPECTO DE ALMIRANTE REIS

Para si, minha senhora...

4 MODELOS
ORIGINAIS DE
ARMINDA PEREIRA

Exclusivo de "Vida Mundial Ilustrada"



1 Conjunto de casaco e chapéu «crispe» e saia azul escuro. Modelo bastante prático e muito moderno.

2 Para tarde, casaco em fazenda bege com gola de veludo castanho. Chapéu e saia condizentes.

3 Para as noites de grande gala este modelo original com o ombro bordado, assim como o único bolso.

4 Juvenil e prático em fazenda vermelha e branca com recortes no pregado do empieçamento.



Pierre
of PARIS

Os produtos de superior categoria **PIERRE OF PARIS**, preferidos pela sociedade elegante de Nova-York, são pela primeira vez postos ao serviço da beleza feminina portuguesa.



Chegou a primeira remessa de Cremes, Batons, Rouge e Verniz para as unhas. Descontos especiais aos retalhistas



Agentes em Portugal:

A. OLIVEIRA, Lda.
Rua da Conceição, 46, 2.º D.
Telefone 2.7576

DA NOVA GUERRA EUROPEIA

POR CARLOS FERREÃO



Nomeado ministro do Interior, em Março de 1943, Himmler tornou-se o homem mais poderoso do Reich

A notícia do desastre de Estalinegrado, conhecida em Março de 1943 no Interior do Reich, assinalou uma viragem de importância capital não apenas no curso da guerra, mas também na evolução interna daquele país e no sistema de relações entre os dirigentes nazis e o povo alemão. Pode considerar-se, sem exagero, que depois desta tudo na vida da Alemanha se modificou radicalmente, e que a ideia da derrota inevitável começou a dominar todos os espíritos e a condicionar todos os actos de dirigentes e dirigidos, os primeiros para prolongar a sua própria agonia, os segundos para arresaca, na medida das suas possibilidades muito limitadas, o desfecho da catástrofe.

Como reacção contra a maré alta de pessimismo que começava a dominar o povo alemão, o Fuhrer promulgou dois decretos que deviam provocar repercussões apreciáveis na evolução da situação interna da Alemanha. Um deles mandava considerar dia de luta nacional aquele em que o 6.º exército de von Paulus se rendeu às forças russas, com as quais havia combatido. O segundo ordenava a mobilização geral de todos os homens, de todos os recursos e de todas as energias alemãs.

Com o primeiro desses decretos, o Fuhrer pretendia que o mundo soubesse que ninguém no Interior da Alemanha ignorava a extensão e a grandiosidade da catástrofe de que ela acabava de ser vítima. Mas, ao

mesmo tempo, pela aplicação de um conjunto de medidas repressivas agravadas e pelo reforço da máquina policial do regime nacional-socialista, tinha em vista demonstrar que a nação alemã saberia enfrentar corajosamente a adversidade, e que esta apenas contribuiu para confirmar a sua decisão de lutar até final, quer o resultado da luta fosse a vitória ou a derrota.

Este último objectivo era relativamente fácil de realizar, pois a situação interna da Alemanha evoluía de modo a que os aliados se apercebessem exactamente das condições em que essa evolução estava a produzir-se, e sem que, portanto, pudessem extrair quaisquer vantagens desalentadoras, crescentes que dominava o povo alemão e que poderia traduzir-se, no momento oportuno, por uma transformação do regime que apressasse o termo da luta.

A MOBILIZAÇÃO DE TODOS OS CAMIÕES, HOMENS, MULHERES, A PARTIR RESPECTIVAMENTE DOS 16 E DOS 17 ANOS

O segundo decreto a que nos referimos determinava a mobilização completa de todos os homens e mulheres de nacionalidade alemã, os primeiros entre os 16 e os 45, e as segundas entre os 17 e os 45. É fácil calcular o efeito que esta mobilização produziu dentro e fora da Alemanha, onde a notícia da sua realização foi interpretada como um antídoto para a necessidade de que o Reich lutava para continuar a guerra que havia desencadeado.

Além um ano antes, quando a campanha da Rússia se não revelara fatal para os objectivos dos dirigentes nazis, toda a máquina de propaganda dirigida pelo ministro de Goebbels fora orientada no sentido de realçar a necessidade de que as mulheres ficassem em casa e fossem mães. Agora era para as fábricas e para as oficinas que havia encaminhado o seu esforço. Ao mesmo tempo e mobilização dos indivíduos do sexo masculino, com o carácter rígido que acabava de ser estabelecido, levou praticamente à paralização de toda a vida económica da nação fora dos fins de guerra. Milhares de pequenos proprietários, comerciantes e industriais, bem como os empregados, partiram para as fileiras ou para as indústrias de guerra. Nas cidades os estabelecimentos encerraram as portas e o aspecto habitual da vida na Alemanha modificou-se completamente.

Nem artigo do «Das Reich», o máximo crédito a grandeza da situação com estas palavras dramáticas: «A luta a leste atingiu o máximo grau de gravidade, os nossos resistir e sobreviver se sacrificarmos até à última gota de sangue alemão. Os decretos de mobilização são o momento de tomar em consideração os privilégios ou interesses que detrimem a causa da salvação desta». O ministro referiu-se, evidentemente, à situação privilegiada dos camiãoistas e outros certos elementos do partido e do regime para os quais os sucessivos decretos de mobilização não haviam produzido, até essa altura, qualquer efeito. É a ideia o dr. Goebbels que, uma semana antes, escreveu a esse respeito: «A guerra atingiu o seu ponto culminante. Ninguém tem o direito de ficar em qualquer concessão pelo ser feita. Não existem

privilegios especiais de profissão, de idade ou de sexo. As excepções e as isenções acabaram».

A NOMEAÇÃO DE HEINRICH HIMMLER PARA O CARGO DE MINISTRO DO INTERIOR

No dia 30 de Janeiro, data comemorativa da entrada de Hitler na Chancelaria do Reich, a qual iniciara um período novo na história do seu país e da Europa, o Fuhrer não falou. As comemorações do advento do nazismo foram sobrias, como convinha à gravidade do momento. Hitler redigiu uma mensagem que devia ser lida ao povo alemão por Goerring. No momento em que devia iniciar-se a emissão, uma esquadriinha de «Moskitos» voou sobre o edifício onde o murechal se encontrava, impedindo que a anunciada cerimónia se realizasse. Foi necessário, mais tarde, expor ao adiantado da emissão da mensagem do Fuhrer invocando qualquer pretexto, mas não tardou que as emissoras aliadas revelassem os verdadeiros motivos que justificavam o facto.

Na sua mensagem, Hitler, que segundo a explicação dada por Goerring não pudera ir a Berlim por se encontrar no seu Quartel General da frente, onde continuava a dirigir as operações militares, dizia entre outras coisas: «Tenho de combater finalmente até que o nosso continente seja definitivamente salvo. Não posso, portanto, conceder a vitória que ela nos conceda a vitória. Cada um de nós e a nação inteira precisam estar lançados na batalha do nosso esforço. Os indivíduos e os povos quando assim não se lançam, são tratados cruelmente perdidos».

Mas a crise política interna em que o Reich se debatia atingiu o seu ponto culminante com a notícia da nomeação do chefe do Estado, Heinrich Himmler, para o cargo de ministro do Interior, ao mesmo tempo que para dirigir o Ministério da Justiça era nomeado um nat francês, o dr. Thierack, que dera já as suas provas, e que confirmou imediatamente a reputação de que gozava instituindo o tribunal do povo com as mais largas atribuições para o julgamento de todos os delitos contra a segurança do Estado.

A derrota dos alemães na Tunísia, a catástrofe de Estalinegrado e a escorrida crescente do potencial humano e material do Reich para as indústrias de guerra acabaram por entregar as mais sólidas alavancas de comando das mãos do homem que certamente era mais detestado pelo povo alemão e que, aos olhos dos estrangeiros, simbolizava todas as violências e todas as arbitrariedades de que o nacional-socialismo se tornara responsável.

HIMMLER, O HOMEM MAIS PODEROSO DO REICH, A QUEM TODOS TEMEM E QUE HEMMUNA, OS OLHOS DO MUNDO, O SISTEMA DE REPRESSIONA NAZI

Himmler tornou-se, assim, o homem mais poderoso do Reich, com todos os poderes, e que acabou por abraçar o próprio Fuhrer no momento da derrota. Este nomeou-o, portanto, para o cargo de ministro do Interior, já se tinha sob a sua bandeira reunido um milhão de homens pertencentes às diversas organizações que haviam

sido confiadas à sua direcção: duzentos e cinquenta mil das S.S., número que depois não deixou de aumentar até se tornar o elemento de que dependia a vida da Alemanha nos próximos meses do regime nacional-socialista, trezentos e cinquenta mil, aproximadamente, nas Waffen S.S., organismo militar que na última fase da resistência do Reich dominou abertamente a Wehrmacht, e cujos generais acabaram por se impor aos generais do exército e ao Alto Comando, e quatrocentos mil na Gestapo, a conhecida instituição policial que era, simultaneamente, para todos os alemães, um objecto de terror e um enigma profundo.

Ao mesmo tempo Himmler e a sua influência decisiva estendiam-se a todos os departamentos da política e da administração. A sua actividade aumentara incessantemente com a ocupação de uma parte da Europa, pois era Himmler quem nos países ocupados, por intermédio dos seus agentes, mandava efectivamente, embora os chefes militares continuassem a constituir o «secrum» por detrás do qual ele actuava assumindo ostensivamente as responsabilidades por actos de que frequentemente não tinham conhecimento. Himmler tornou-se, assim, a personalidade n.º 2 do Reich, em vez de Goering, cujo poderio se encontrava em franco declínio em consequência da sua incapacidade para evitar que a Luftwaffe se inferiorizasse perante o poderio aéreo aliado. Não há mais impressões, das forças aéreas aliadas. (continua)

O VELHO PORTO
Acepport
Sabão a quem sabe

E'istintivo

PREFERIR
Guimar, da
PARA DECORAR

181, Rua da Prata, 181, t. 246.50. Lisboa

COMPRODO PELA LAXOBAC

Compro-o para si e para o seu filho. Agora até ao pat total! LAXOBAC o novo chocolate lactativo é recomendado para toda a família. Suave, mas firmemente, «Laxobac» obriga os intestinos a uma regularidade de funções cronométricas e o seu sabor é tão agradável que todos gostam.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 5850 e 12800 cada caixa. Lembre-se do nome.

PAPELARIA CARLOS

RUA AUREA, 100 - LISBOA - TEL. 61.02.44

Especializada em livros de escrituração e Artigos de escritório

CALLE de Españoleto, uma rua tranqüila madrilenha onde não chegam os rumores insólitos da circulação... Rua de bairro caro onde vivem diplomatas e gente bem colocada na vida... Federico Romero que, com Guillermo Fernandez Shaw, constitui uma das mais célebres «parceiras» de escritores teatrais espanhóis, vive ali; ali, naquele edifício de idade indefinida e arquitectura banal.

Quando entrámos no escritório de Federico Romero a «parceira» estava em plena laboração. Federico Shaw, em pé, junto da secretária onde os «papeiros» escrevia, vem imediatamente ao nosso encontro. Federico Romero levanta-se logo e vem também até nós, afavelmente, para nos saudar.

Os dois escritores são dois homens relativamente novos; fisicamente um tanto ou quanto parecidos; magros e altos, tipo de fidalgos castelhanos de cara estreita e nariz borbónico.

Uma pequena sala, complemento do escritório, serve de cenário à entrevista. O ambiente é de estudo, ambiente tranqüilo decorado de recordações, no qual uma grande e alta estante recheada de livros e uma velusta «Espasa», junto a nós, impõem todo o respeito de toneladas de «studios»...

E enquanto uma das gentis filhas do dono da casa nos oferece um cálice de Jerez, perguntamos aos dois amáveis escritores desde quando começaram a trabalhar. E Romero quem imediatamente responde:

—Desde 1912. Mas nós não temos de conhecer ao público senão em 1916, ano em que apresentámos «La Canción del Ovidio», cuja partitura o maestro Serrano tardou quatro anos em escrever.

—E quais são as vossas zarzuelas mais importantes e populares?

—«Cremos que as mais populares são «Doña Francisquita», «El Caserío», «La Villana», «Luís Fernández», «La Rosa del Amantrán», «La Taberna del Puerto», «La Chulapona»... e algumas outras que não recordo agora.

Fernandez Shaw confirma as palavras do seu «parceiro», e naturalmente espera que também o interroguemos. Mas Romero é mais loquaz — e como manifestamos certa ignorância acerca do desenvolvimento da «zarzuela», o escritor traça-nos, a largos pinceladas, a sua história:

—Numa forma primitiva, a «zarzuela» nasce no século XVII com Caldevón de la Haza. No século XVIII, este género teatral degenera com a aparição da «tonadilla», que é, no geral, uma «zarzuela» em um acto.



FEDERICO ROMERO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

Romero e Fernandez Shaw

OS GRANDES AUTORES TEATRAIS ESPANHOIS FALAM-NOS DA SUA VIDA E OBRA

ENTREVISTA EXPRESSAMENTE CONCEDIDA A LUÍS DE QUADROS PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

de gosto popular. É famosa a «General Mambur». E já agora lhe digo que brevemente apresentaremos em Lisboa uma ópera com um título parecido, «Malborough se va a la guerra»... No século XIX a «tonadilla» morre para converter-se numa espécie de ópera intencional, de tipo ligero, e já com argumento. Mas foi mais precisamente no século passado que nasceu a actual «zarzuela» espanhola — foi Barbieri o seu criador, com «El Barberillo de Lavapiés». Os russos apareceram logo a

seguir com dramas líricos, tendo por base o seu riquíssimo folclore... Aparece, depois, o chamado «género chico», no qual se immortalizam os músicos espanhóis Chacá, Chapí e Caballero. Porém, em 1904 este género perde-se por uma questão de tipo comercial. Mas nós fomos resurgir a «zarzuela», e assim, inspirados pelo maestro Vives, modernizámos «El Barberillo de Lavapiés» e apresentámos, em 1923, «Doña Francisquita».

Falamos a seguir da situação do Teatro espanhol em 1945. E os dois autores são concordes em afirmar que tanto o Teatro, como a «zarzuela» em particular, estão atravessando uma época de crise, crise esta que dizem poder chamar-se de «craxamento», porquanto há muitas figuras que desapareceram, e outras como Alejandro Cassona e Martínez Sierra, que voluntariamente se exclaram. Garantem-nos também que há hoje um autor jovem, Victor Luis Irlarte, que virá a fazer grandes coisas em teatro. Já não sabemos porque razão os célebres Irmãos Quintero vieram à flor da entrevista... «E que opinam acerca dos Irmãos Quintero?» — perguntámos.

A pergunta, a aquilatar pelos segundos, deve ter sido um pouco usada, dado que os dois detentores irmãos ainda são tema de discussão em muitas tertúlias e salões madrilenhos.

—A medida que passe o tempo irão recordando mais valor, porque trouxeram ao Teatro moderno as comédias de costumes já quase desaparecidas.

—E que pensam de Benavente?

—Esse é um valor universal, no qual se poderão assinalar influências é certo, caso que não sucede nos Irmãos Quintero, verdadeiros autodidactas, autores de raça. Não esqueça que esse Teatro de costumes já se fizera no século XVII com Lope de Vega e Moreto, por exemplo. No século seguinte foi continuado por Moratin, e no século XIX são Don Ramon de la Cruz e Breton de los Herreros os seus continuadores.

—E que pensam acerca do Cinema? Acreditam numa rivalidade entre este e o Teatro?

Agora é Fernandez Shaw quem responde:

—Não. Há que diferenciar ambos os espectáculos. O bom Teatro quanto a mim, é aquele de que possam chegar a gostar os próprios cegos; o bom Cinema aquele que possa ser apreciado pelos surdos. Repare que no Teatro, o espectador adopta sempre uma posição, enquanto que no Cinema se assiste a um espectáculo mecânico... Além disso, 75 % do cinema americano — obras, actores e actores — procede do Teatro; porém, a sua técnica foi esquecida, e eis a razão porque os americanos conseguem realizar bom Cinema. Quando no Cinema se trabalha com uma preocupação teatral, surge inevitavelmente o fracasso.

E se bem que não tivéssemos conseguido a resposta simétrica que desejávamos, lançámos uma última pergunta, uma pergunta de antemão preparada:

—Que opinião tem sobre a arte dramática portuguesa?

—Não conhecemos nada do Teatro moderno lusitano. A minha visita a Lisboa, quando ali estrémos a nossa peça «La Severa» — diz Federico Romero — teve um só objectivo: cuidar da companhia. Mas já agora gostaríamos que dissesse na «Vida Mundial Ilustrada» que estamos muito contentes com o êxito que obtivemos.

A Calle de Españoleto continuava tranqüila e deserta... A escuridão da noite embrulhava-nos na sua tristeza, mas, naquele edifício de arquitectura banal, uma janela iluminada, farol de alegria no negro mar madrilenho, afixavamos nos que a mais eclética purceira teatral deste país continuava a produzir para a cultura e para a História do Teatro Espanhol.

Madrid, Novembro de 1945.

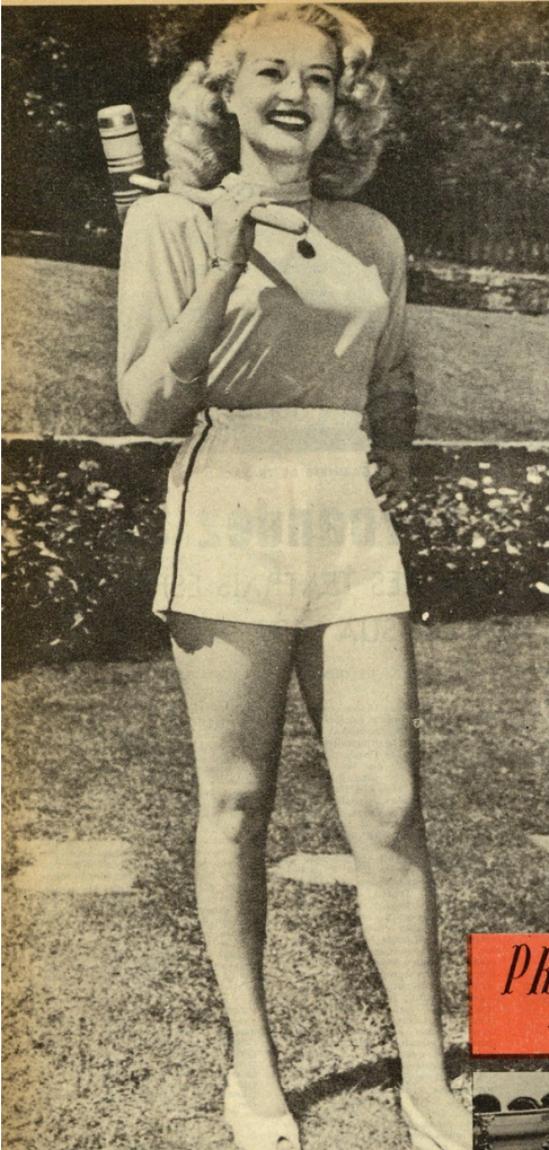
LIVRARIA ECLETICA
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA

A ORIGEM DA «ZARZUELA» — E O TEMA DA CONVERSACÃO DOS DOIS CÉLEBRES AUTORES ESPANHOIS. LUÍS DE QUADROS ACOLHE AS SUAS IMPRESSÕES SOBRE O ASSUNTO.





DE "NOIVA DO MUNDO" A MERCADORA DE PRODUTOS DE BELEZA

POR FERNANDO FRAGOSO

MARY Pickford está em Londres. Cheguo, ali, há dias, sua dupla qualidade de dirigente de uma das mais importantes firmas produtoras da América — a «United Artists», de tão honrosas tradições — e de gerente da casa de produtos de beleza, que fundou e mantém, para nela aplicar simultaneamente, os dólares e os cuidados.

Para o cinema da nova geração, este nome — Mary Pickford — pouco ou nada significa. No entanto, nos tempos heroicos do cinema, antes e depois da chamada «Grande Guerra», ela foi a vedeta mais célebre — a favorita dos multidos. Tão célebre e tão querida, que a apelidaram de a «Noiva do Mundo». E Mary Pickford, com os seus caracóis loiros, a face luminosa e pura de moderna «snakes», frígida e gentil, correspondia inteiramente à imagem ideal da mulher no sonho inacessível de quantos romances de amor se teciam no coração dos homens.

Pode dizer-se que nenhuma artista teve tão grande aura de ternura à sua volta. O público adorava-a. E os filmes que Mary interpretou contribuíram sempre para manter e reavivar essa chama de afecto e de exaltação. Estamos a vê-la no «Hollin de Cremona», em «Tres, no País dos Orlãos», em «Dorothy Vernon» — na teoria maravilhosa dos filmes que nos legou. Havia de tudo: comédias, histórias cor de rosa, novelas românticas, dramas históricos. E como elemento inimitável, em todos eles, os seus caracóis loiros, a graça e a candura que fizeram dela uma singuena involuntária. E as salas enchiam-se, cada vez que a «Noiva do Mundo» surgia nas telas do mundo inteiro. O seu casamento com Douglas Fairbanks, então o artista n.º 1 do mundo cinematográfico, não lhe afectou a popularidade. Pôde dizer-se até que teve o aplauso e o assentimento da legião enorme dos seus admiradores. Pois se ela era a encarnação mais perfeita da heróina romântica — Douglas apareceu aos olhos de todos como o único homem capaz de a conquistar e de a merecer. «Pickfair», a senhorial residência que ergueram em Beverly Hills, passou a ser como um palácio encantado. E lá dentro, durante longas eras de vida tranquila e feliz, Mary foi a dona de tempos idos melancolicamente enamorada desse galhardo cavaleiro da aventura, que se popularizou com a arma irresistível do seu sorriso, ao serviço das mais audazes façanhas, jamais praticadas por um actor.

Depois, tudo mudou. Veio o somoro. Uma «Era Amanasada», onde Mary e «Doug» não se mantiveram à altura de si próprios. O divórcio. Uma aparição infeliz de Mary em «Segredos» (1933) — é tão difícil saber esquecer — e o seu casamento com Charles Buddy Rogers, incomparavelmente mais novo do que ela. Mary Pickford permaneceu à testa da famosa «United Artists». Enriqueceu. Perdeu a glória — mas continuou a acumular milhões de dólares. O público esqueceu-a, mas a fortuna não e desamparou, como se a quisesse compensar dos bens da popularidade perdidos.

Em 1920, esteve em Londres com «Doug» — e a polícia viu-se em dificuldades para conter as turbas ansiosas por vê-los e aplaudi-los. Foram recebidos em Buckingham. Em sua honra organizaram-se festas e recepções. Mary chegou, há dias, a Inglaterra. Deu-se no aeródromo, onde os repórteres de serviço a saudaram — e entrevistaram. No hotel, apenas meia dúzia de pessoas a reconheceram — no dizer do jornalista britânico Guy Ramser. Da que fizeram a guerra — desconhecem o seu nome. A maioria delas nunca a viu, os filmes morreram antes dos soldados de agora terem nascido para o espectáculo cinematográfico.

Nestas duas fases da sua carreira cabem as biografias de quase todas as vedetas. Ao contrário do que sucede com o Teatro, o Cinema é ingrato com as mulheres que o servem, que são a sua força, que o ilustram e prestíglia. A vida das artistas de cinema é breve. Possuem na tela como estranhas cadentes. E o próprio rasto de luz que deixam ao passar, depressa se esfuma, ao pé das outras que surgem. «Se transit gloria mundi...» Mes no cinema, a velocidade é incomparavelmente maior. É a história de Mary Pickford, o nome «Noiva do Mundo», hoje negociante de filmes e de produtos de beleza — oferece amplos temas de meditação àquelas que gostam de filosofar sobre a vida efêmera das coisas terrenas.

HOLLYWOOD manda-nos as primeiras imagens da Primavera. E todas elas nos falam de jardins floridos, prados verdejantes — iluminados, como estão, de sol a jorros sobre um fundo de céu sem nuvens.

Se bem que na Califórnia a Primavera, ao que se diz, seja eterna — ela nem por isso deixa de se notar, quando o calendário, as aves, as árvores e as flores a anunciam, num unsono de alegria e de beleza.

São três mulheres, qual delas a mais bela, a mais atraente — a mais primaveril!

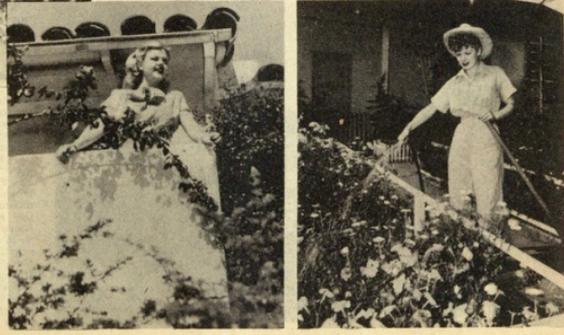
Betty Grable, com um «sweater» de malha e um «short» gracioso, prepara-se para uma partida de «croquet», no fresco relvado do seu Jardim.

Noutra foto, vemos Lucille Ball, com o traje apropriado, entregue à faina de regar os canteiros. Tratadas pelas suas mãos, as flores crescem que dão gosto.

Numa terceira foto, é Angela Lansbury que surge, numa varanda, de onde pendem roseiras — uma varanda romântica e campestre que fica bem num cenário de Primavera.

E aqui têm, leitores, três imagens que são três alegorias. Porque se quisessemos escolher uma mulher, para personificar a mais bela estação do ano — Angela, Lucille e Bette seriam modelos ideais.

PRIMAVERA EM HOLLYWOOD



AQUI TÊM A HISTÓRIA DE MARIE MAC DONALD

CUJA BELEZA ERA UM ARGUMENTO PUBLICITÁRIO IRRESISTÍVEL...



Na agência de publicidade que o tinha sob contrato, Marie Macdonald era conhecida pelo cognome de «a esculturas». Conforme se prova com o documento junto, o apodo tinha inteira razão de ser... Marie Macdonald transitou para os estúdios e estes apresentam-na, aos nossos olhos, como se a vedete continuasse a fazer apenas o réclame de fatos de banho...

É um facto sabido. As raparigas que triunfam nos concursos de beleza raras vezes se tornam estrelas de cinema. Isto prova, apenas, que em face da câmara cinematográfica é necessário mais alguma coisa do que a formosura ou a popularidade. É claro que há excepções — a confirmar a regra. Dorothy Lamour e Joan Blondell entraram nos estúdios depois de terem sido céticas rainhas de beleza. Mas por cada mil que alcançam tal ceptro, a apenas, dizem-nos as estatísticas, consegue um lugar preeminente no mundo da tela.

Outro tanto não acontece com os «modelos» das agências de publicidade. Os «modelos» em questão — é bom que o leitor compreenda — são aquelas raparigas que surgem nos anúncios das revistas americanas, a reclamar cigarros, cocacola ou outro qualquer produto, para o qual uma cara bonita vale mais do que um «slogan». As agências Powers, Conover, Thornton e outras têm dado um valioso contributo para os quadros artísticos da Cineândia.

O exemplo mais recente é Marie Macdonald, conhecida na agência «Powers» pelo cognome de «a esculturas». Sempre que era preciso uma rapariga para anunciar os fatos de banho ou outro qualquer produto que exigisse o «desabilité», Marie Macdonald, a «esculturas» — era chamada.

Agora, está a filmar ao lado de Dennis O'Keefe, «A Liga de Gerties» — e nada mais nada menos, no papel de protagonista. O veterano Allan Dwan, que está dirigindo a película em questão, afirmou: «Penso que há muitas raparigas nas agências de publicidade que o cinema pode aproveitar com êxito. Para ser bom «modelo», uma jovem tem que preencher os mesmos requisitos indispensáveis à actriz de cinema. O seu rosto deve ser expressivo; a cara, simétrica; as feições, regulares — e, além disso, é indispensável que se mantenha à vontade ante a câmara fotográfica. Sei, por experiência própria, que a maioria das raparigas que foram bons modelos seguem com facilidade as instruções dos realizadores — e triunfam. A provar, aí estão dezenas de vedetas célebres que começaram a carreira a reclamar meias de senhora ou produtos de beleza».

E para o nosso cinema nem sequer existe este recurso, porque não há, que saibamos, caras bonitas entregues à patriótica tarefa de anunciar os produtos portugueses...



Atenção, rapazes! Isto é Esther Williams, ex-campeã olímpica de natação, rainha de beleza e hoje uma das vedetas mais queridas do mocidade americano. Lisboa vai vê-la, no decurso do presente temporada, em dois espectáculos musicais, fotografados em technicolor — «Romance Sensacional» e «Escola de Soreistas».

TRAGÉDIA EM TIMOR

Foi «Vida Mundial Ilustrada» a primeira publicação que se referiu à lamentável circunstância de se terem perdido as imagens da libertação de Timor, pelo facto de, com as tropas expedicionárias, não ter seguido, ao menos, um operador cinematográfico. Dissemos, então, que se nos afigurava estranho ver a tela cheia de cenas que documentavam a alegria das cidades, das vilas e povoações no momento de saírem do jugo da presença de estrangeiros — e estarem ausentes as imagens que poderiam documentar a hora alta da reintegração de Timor na soberania nacional.

A notícia de que Fernando Garcia vai realizar «Tragédia em Timor» enche-nos, portanto, de júbilo — pois embora perdidos os documentos autênticos, a epopeia daqueles que afirmaram bem alto e com orgulho a sua fidelidade à terra-mãe vai surgir, no cinema, com aquele poder de consagração que a tela tem demonstrado em tantos filmes que glorificaram temas semelhantes.

«Tragédia em Timor» vem, pois, na hora própria. E ficará, no meio da produção cinematográfica mundial, como o nosso filme de guerra.

Fazendo votos porque Fernando Garcia realize este seu projecto — e a pessoa para o fazer com dignidade e conhecimento profissional — «Vida Mundial Ilustrada» regista a notícia com o maior agrado.



Greer Garson e Richard May — mãe e filho no «Família Miniver», marido e mulher na vida real — encontraram-se, há dias, após o longo separação a que a guerra os obrigou. Aqui os vemos no estúdio, durante a emissão radiofónica das estrelas — e a julgar pela expressão do casal, a felicidade voltou, finalmente, ao seu lar...



1) Franchot Tone numa cena dramática de «Pilot number five», filme inédito ainda nas telas portuguesas. 2) Este é John Hodiak, um dos golás vivos de mais futuro. Atende, ao telefone, a chamada de um admirador.



«Centifloas», Linda Christians e Van Johnson, surpreendidos pelo fotógrafo no intervalo de filmagens, quando escolhiam as provas dos retratos feitos no «plateau». Como se sabe, o famoso crítico mexicano foi contratado a peso de ouro para Hollywood — e vai surgir, brevemente, numa grande produção americana.

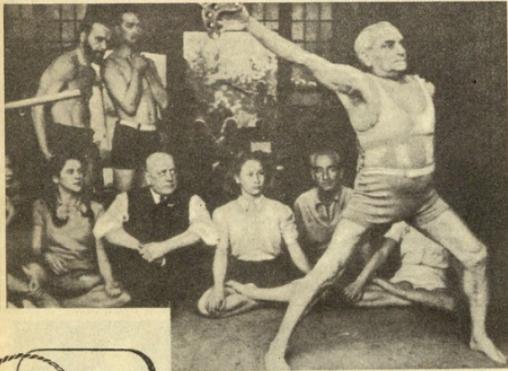
TIT-BITS



A IDADE IDEAL DAS MULHERES...



Indiscutivelmente — aos sete anos!
 Sentia-se nos nossos joelhos com a maior naturalidade, acredita em tudo que lhe dizemos...
 As vezes é impertinente a sua curiosidade, e quer saber porque é que os culcos não têm cabelo, e porque é que, se as meninas, para serem bonitas, têm de comer a sopa, a avó materna, que coze dois pratos de sopa a cada refeição, consegue ser tão feia...
 Mas, aparte estas pequenas coisas, a mulher, aos sete anos, é encantadora!
 Ainda que fique contente quando metemos a mão à algibeira do colete, para lhe darmos uma moeda, nunca avalla a nossa amizade pelo valor da oferta...
 E por um tostão dá-nos um beijo ou um abraço...
 Aos sete anos a mulher está, mais ou menos, desentada. Mas não pede para ir ao cinema, nem tem relações com a borla de pó de arroz nem com o verniz para as unhas...
 E, sobretudo, não fuma os nossos cigarros...
 Sete anos! Encantadora idade para a mulher — precisamente porque ainda é não é...



Tem-se desenvolvido imenso com o ginástico!

«De tongo» — ou «regresso do Mercado Negro»...

POUCAS PALAVRAS

Uma senhora entra numa loja completamente vazia, em qualquer país da Europa Central.
 — Não tem nada para vender?
 — Nada! — diz-lhe, tristemente, o comerciante.
 E a senhora comenta:
 — É isto! E ainda somos capazes de ir para pior...
 *
 fechar o chapéu e verifique o que não o tinha!
 *
 Não há nada inútil neste mundo. O próprio apêndice, que se corta e não faz falta alguma, é absolutamente necessário — aos médicos!
 *
 O novo rico foi à ópera e ficou encantado. E quando, no intervalo, lhe disseram que a acústica era estupenda, perguntou:
 — Onde é o seu camarim, que eu quero ir felicitá-lo?..

Conheço uma senhora tão distraída que se esqueceu do guarda-chuva num táxi e só deu pela falta quando, ao acabar de chover, que

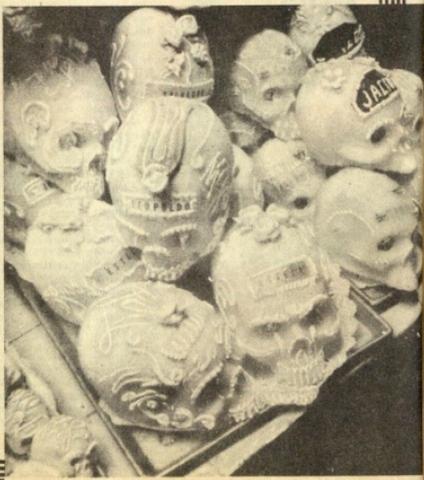
A FELICIDADE NO CASAMENTO

SEGUNDO afirma o professor E. W. Burgess, da Universidade de Chicago, um casal terá possibilidades de ser feliz: 1.º — Se o noivado durou mais de 4 anos. 2.º — Se os futuros esposos não são filhos únicos. 3.º — Se o casamento é religioso. 4.º — Se ele e ela são amigos de sua família. 5.º — Se a esposa trabalhava antes de casar. 6.º — Se mudam com frequência de casa. 7.º — Se a mulher tem mais alguns anos que o marido!
 Se a felicidade está, apenas, nestes sete pontos que o professor Burgess indica, não nos parece que seja muito difícil alcançá-la...
 Sobretudo aquele ponto que diz que não se deve mudar muito de residência, encontra-se muito facilitado pela falta de casas e preços astronômicos das rendas...



É inegável que este pintor é um homem prático! Duma só vez, pintou todos os quadros para a exposição!

A um pasteleiro mexicano, deu-lhe para fabricar coviões em açúcar e expô-los na mostra! Ideia tentadora, não acham?



APR

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da hunsria

CLAYTON

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA!

CONTRA OS MALES DOS PÉS - UM CONSELHO



Ponha uma mão cheia de Saltrato Rodel (sais oxigenados para os pés) dentro de água quente e mergulhe aí seus pés doridos. Este banho leitoso dar-lhe-á uma sensação extraordinária de alívio e de bem-estar. A dor «foge», o inchaço, o ardor, desaparecem como por encanto. Calos e calosidades tiram-se facilmente. Procure hoje mesmo Saltrato Rodel e desembracese destas misérias. Em todas as farmácias e drograrias.

MEDICINAL

PASTA DE COUTO

TRATA gengivas doencadas ou sangrentas

EVITA estomatites mercúriaes ou birmuticas

MATA os microbios da boca, que dão causa a tantas doenças graves

Medicinal pequena — tubo 11\$50
 Medicinal grande — tubo 17\$50
 Vulgar pequena — tubo 4\$00
 Vulgar grande — tubo 7\$00

Tika MATA

PERCEVEJOS BARATAS PULGAS TRAÇA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3500
 Caixa grande..... 8500

Dep.: COUTO, L. 4ª — Porto

L. S. Dominges, 169

AGUARDENTE VELHA

Niepoort

a prova está na prova



PASS-TEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
 Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.ª — LISBOA

DAMAS

(Secção espanhola)

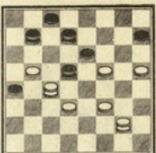
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMATISTAS DE «DAMAS»

COMPOZIÇÃO N.º 83

(Problema)

«La Provicacia» — Luis Palmas (Espanha)

Leira: Joveju



Mate em 8.

1.º CAMPEONATO DE «DAMAS», POR CORRESPONDÊNCIA, DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

Resultados do 2.º Eliminatória

Série E

Manuel Lopes das Santos (Torres Novas) — 4 empates — 4 pontos.
 Delfim Faria Diniz (Famalicão) — 1 vitória, 2 empates e 1 derrota — 4 pontos.
 Francisco Mendes da Silva (Beja) — 1 vitória, 2 empates e 1 derrota — 4 pontos.
 Ficam, portanto, todos apurados para a eliminatória seguinte (3.º).
 Breve daremos notícias de outras séries.

CORRESPONDÊNCIA

Mário de Almeida — No próximo número tratarei do assunto.
 Maria da Cruz — Faça o pedido à Livraria Progressar, Rua Passos Manuel, 158-162 — Porto.
 Fernando Vasconcelos — (4.º problema de damas já veio publicado no antigo «Notícias Ilustradas». Só aceitamos inéditos.
 Paulo Augusto João da Silva — Como cruzadista é bom observar o que precitámos no nosso n.º 253.
 Jorge Rodrigues dos Neves — He cebemos. Agradecemos.
 Germano Augusto dos Santos — Veja, por favor, se me consegue remeter os variantes do final.
 António Valério Azevedo Amorim — Agora está bem.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 62

Por Arnaldo Nogueira (Gulmê)

HORIZONTAIS: 1 — Namorado. 2 — Ofereces; ponto cardinal. 3 — Avançar; impede; nota musical. 4 — Nesse tempo, leve com os pedditos enofotavam. 5 — Numeral cardinal; abreviatura de reis. 6 — Pouco ajuizado. 7 — Fluido; prefixo de negação. 8 — Preposição; arma pouco maior do que o punhal; batifólio. 9 — Distância. 10 — Decâmetro quadrado; grito de alegria. 11 — Eleira; data. 11 — Compartimento de uma casa (pl.).

VERTICAIS: 1 — Ligação. 2 — Ocasão; dá mitos. 3 — Aparência; numeral cardinal; outra coisa. 4 — Artigo (pl.); desolava; artigo (pl.). 5 — O — mais; oferece. 6 — Submeter à tarifa. 7 — Cilma; nome de letra. 8 — Artigo (pl.); inflamação; estás. 9 — Região próxima de Oliveira de Azeméis; o que teve o ouvido; siraço. 10 — Casa; granelava. 11 — Inflicção de seriedade nos tecidos ou nas vísceras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 61

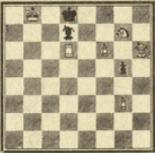
HORIZONTAIS: 1 — Casa; atacar. 2 — Omegas; luma. 3 — Rocio; selim. 4 — Arar; mamona. 5 — Safari; ra. 6 — Al; mar; asa. 7 — Ar; remam. 8 — Atacas; dela. 9 — Fitaz; rodar. 10 — Idas; Canadá. 11 — Morada; asos.

VERTICAIS: 1 — Corada; afim. 2 — Amor; bulido. 3 — Secus; ratar. 4 — Agi; tam; casa. 5 — Az; furas. 6 — As; marec; ed. 7 — Saram; ra. 8 — Alén; madona. 9 — Calor; meadas. 10 — Amimas; lado. 11 — Rama; aparas.

XADREZ

PROBLEMA N.º 33

Por H. A. Louzada



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 32

1. Bb6. Problema magistral. Bloqueio completo com um mate mudado. 1... b4. 2. Cx b4 x na solução aparente. 1... b4. 2. Dg5 x na solução real.

(R. P. X.)

JOGO DE DAMAS

Por Casimira Fernanda Nogueira Teixeira Marques

PROBLEMA N.º 3

Formar 10 palavras começadas por MON, das quais a seguir damos sinónimos. Para resolver este problema: 10 palavras em 8 minutos é excelente; 8 palavras em 7 minutos, bom; e 5 em 8 minutos, regular.

- 1 — Túnica talar: MON
- 2 — Vela pequena (do navio): MON
- 3 — Debulha de tripas: MON
- 4 — Macego grande: MON
- 5 — De um só fruto: MON
- 6 — Arrancar ervas daninhas: MON
- 7 — Tempo favorável à navegação: MON
- 8 — Laneta de um só vidro: MON
- 9 — Produção contrária à ordem natural: MON
- 10 — Enfadonho: MON

Nota — A autora dedica este seu problema à sua grande amiga Maria Irene Machado Corte Real (habituando — Angola).

VEJA SE SABE...

(Problemas de cultura geral)

N.º 3

Recordam-se deste marechal muito discutido durante a última guerra e até presentemente?



- Kessington?
 — Montgomery?
 — Wavell?
 — Mannerheim?
 — Von Rundstedt?
 — Alexander?

VEJA SE SABE...

(Publicados em 21/4/64)

Soluções

- 1.º
- Numa caldeira de náupio.
- 2.º

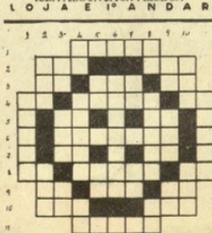
Mary Pickford.



— Estas o minho espera a uma hora, querido?!
 — Desculpa, filho. Mas vou imediatamente ter contigo; estava já pronta para sair quando o telefone tocou.

ROSICLER Meias

RDA ASSUNÇÃO 7 LISBOA





A ALEGRIA DUM BAILADO

Uma mulher, uma pandeireta e um traje garrido seria pouco para a alegria dum bailado! Mas acrescentamos que Inx Falkenburg é bonita e tem um lindo sorriso, e teremos o bastante para um bailado pleno de vida e alegria!



Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
CREME
TOREDO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TOREDO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes